OCTÓGONO
Cadernos de polissemia artística
ISSN: 2976–0402
Número avulso (28)
17 de Fevereiro de 2026
Autoria e edição: Paulo Martins Oliveira

O SACRÁRIO-SOL DE FERREIRIM

PAULO MARTINS OLIVEIRA

Resumo: Onde se analisa o sacrário circular e suspenso da igreja conventual de Ferreirim.
Palavras-chave: Arte barroca portuguesa, Ordem Franciscana, Santo António, Lamego, Tarouca.
Disponibilidade *online*: academia.edu archive.org blogspot.com

No praticamente desaparecido Convento de Santo António de Ferreirim (concelho de Lamego), a igreja sobrevivente tem como ponto focal o altar e e o sacrário destinado à guarda dos elementos do Santíssimo Sacramento, em especial a hóstia consagrada, na qual a presença de Cristo se materializa (transubstancia) aquando das celebrações eucarísticas.

Sacrário da igreja conventual de Santo António de Ferreirim. [PMO]

A peça integra um retábulo de 1744, entalhado pelo mestre vimaranense João Correia Monteiro, que passou a residir e a ter oficina em Ferreirim, então pertencente ao concelho de Tarouca[1].

1 Sobre o entalhador, cf. Carla Sofia Ferreira QUEIRÓS, *Os retábulos da cidade de Lamego e o seu contributo para a formação de uma escola*, Diss. de Mestrado, FLUP-DCTP, 2001, p.263, IDEM, "O Convento de Santo António de Ferreirim: da Fundação às obras do século XVIII", em *Os Franciscanos no Mundo Português III – O Legado Franciscano*, ed. CEPESE, 2013, pp.203, 210.

Incomum, este sacrário circular encontra-se suspenso, quase "levitando", ligando-se ao retábulo apenas pela sua parte superior. Neste ponto de conexão, o cortinado ou reposteiro sugere também uma pálpebra superior (e até "pestanas"), numa típica alusão à omnisciência de Deus, que tudo vê.

Exemplo comparativo

Jheronimus *Bosch, Mesa dos Sete Pecados*, Prado. [wikimedia.org]
Na parte central da composição, Cristo ressuscitado é simultaneamente um olho omnisciente que vê os pecados em seu torno, mas também um sol que serve de guia para o arrependimento. Assim, e conforme os casos, as imagens dos cantos remetem quer para a entrada no Inferno, quer para a admissão do Paraíso, após a Ressurreição geral e o Juízo derradeiro.

No caso de Ferreirim, a referida cortina representa igualmente o mundo invisível aos olhos dos meros mortais, i.e. o paraíso celestial ou Empíreo, de onde o eucarístico Corpo de Deus desce visível na forma de hóstia solar. Ou seja, como que um sol poente que do alto vai encontrar a terra (linha do horizonte sugerida pelo altar fronteiro), sinalizando o modo como Cristo se transubstancia durante a missa para estar fisicamente entre os fiéis.

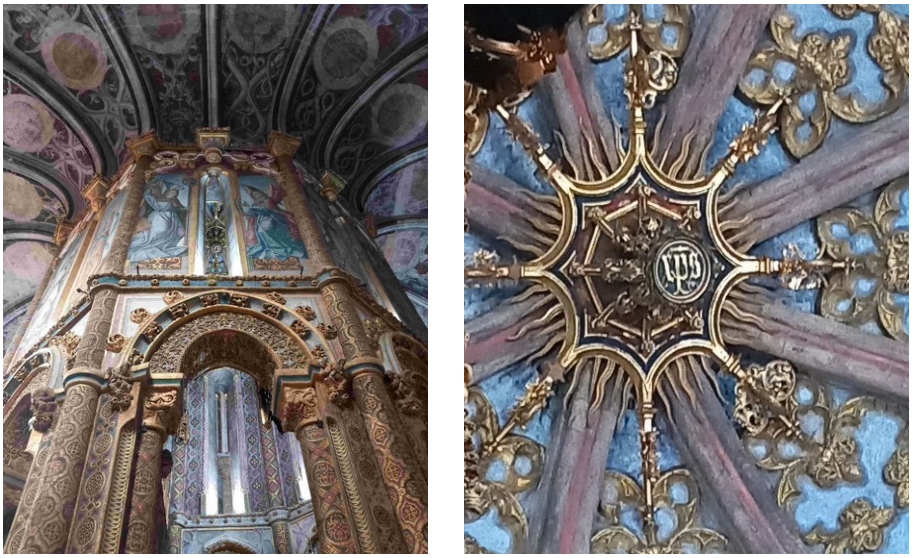
Essa descida é acompanhada no sacrário por pequenas figuras angélicas do Empíreo, sendo que o mesmo princípio é observável na grande *Custódia do Sacramento*, também setecentista e actualmente exposta em Coimbra (MNMC), onde um globular sol-olho é amparado e operado por um anjo.

Custódia do Sacramento, MNMC. [wikimedia.org/manuelvbotelho]
Originária do Convento do Santíssimo Sacramento de Lisboa, o sol-olho é "manejado" por um anjo – tradicional medianeiro entre o domínio celestial e o mundo terreno. O pano com que ampara o globo funciona como uma "barca solar", reforçando o conceito de um elemento ao mesmo tempo elevado e "poente".

Relativamente ao retábulo e sacrário de Ferreirim, note-se que nessa região é possível encontrar exemplos de certo modo análogos, como na igreja próxima de S. João de Tarouca, de cuja abóbada sai literalmente um raio divino em direcção ao solo, reportando o episódio da fundação deste templo.

Abobada da capela-mor de S. João de Tarouca. [PMO]

Comparação ainda mais significativa encontra-se na Charola do Convento de Cristo, em Tomar. Aqui, uma grande estrutura arquitectónica central estabelecia a ligação eucarística entre o altar que se encontrava no interior térreo e a cúpula cimeira, de cuja chave central raiada se destaca e desce um elemento circular (≈ hóstia solar) trazendo o nome de Cristo.



Charola do Convento de Cristo. Estrutura central e detalhe da respectiva abóbada. [PMO]

Em síntese, neste mecanismo tomarense é realçado o processo de transubstanciação, fazendo-se que o corpo celestial de Deus ecoe fisicamente na hóstia consagrada, a qual o sacerdote revela e ergue aos fiéis a partir do altar[2].

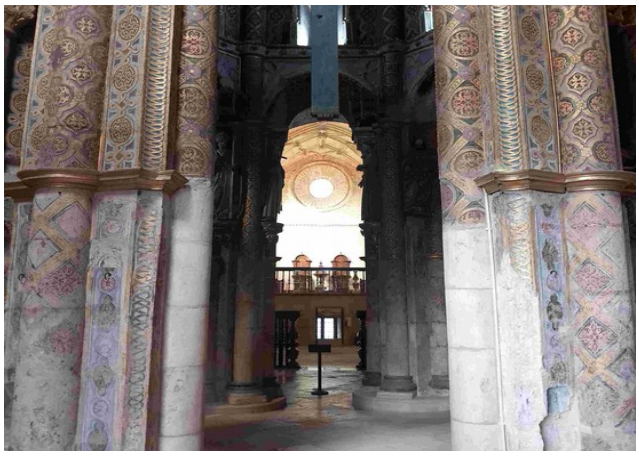
2 Este sistema eucarístico no Convento de Cristo é detalhado em *Octógono* n.10 / Dezembro de 2024 – "O simbolismo da Charola de Tomar" [academia.edu | archive.org].

Genericamente, no Cristianismo a imagem solar reúne e interliga duas ideias fundamentais: por um lado, a recorrente/diária descida "poente" de Cristo-solar ao mundo, mas no qual, por ora, as subsequentes noites aludem ainda à inevitável morte terrena dos fiéis; e por outro lado, o modo como esse "poente" simboliza também o fim dos tempos, sendo aqui Jesus o guia luminoso que permitirá conduzir os salvos à eternidade, alegorizada por um sempre-presente Cristo-sol que definitivamente venceu as trevas (Ap.22:5).

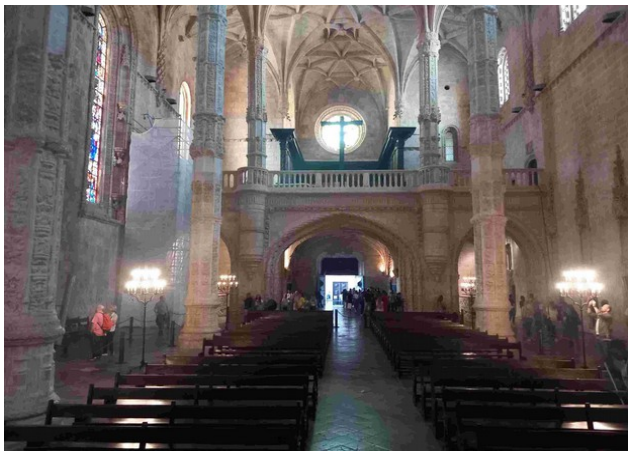
À maneira neoplatónica, tão importante no ilustrar da lógica cristã, o sol da Natureza (mundo do século, sujeito à mortalidade) é uma imagem apenas incompleta e sugestiva do genuíno e perfeito sol, obviamente o omnisciente e Redentor Jesus Cristo.

Por essa razão, como os altares e sacrários se encontram no lado nascente dos templos, o sol natural que entra pelo lado poente deve ser purificado ou cristianizado, como que um baptismo da própria luz.

No referido caso tomarense, o sol da Natureza que ilumina pelo lado poente é "baptizado" por uma cruz que arma o vidro no próprio óculo. Por seu turno, por exemplo na igreja dos Jerónimos (Sta. Maria de Belém), na balaustrada do coro alto foi instalado um Cristo na cruz (encomendado ao flamengo Philipe de Vries), "abençoando-se" deste modo a luz que depois atravessa toda a nave em direcção à capela-mor, no lado oposto.



Convento de Cristo. Em primeiro plano a Charola e a zona onde se encontrava o altar. Ao fundo é visível o prolongamento para o coro alto, onde o próprio óculo tem inscrita a cruz (nesta perspectiva indistinguível da luz). [PMO]



Jerónimos. Vista próxima do altar, onde a luz axial do poente é neste caso "filtrada" por uma cruz autónoma levantada no coro alto. [PMO]

Na igreja de Ferreirim seguiu-se esta última opção, sendo na balaustrada do coro alto visíveis partes dos encaixes onde outrora se levantava a respectiva cruz.

Note-se que pela mesma época em que se colocara a cruz nos Jerónimos (em tempos de D. João III), em Ferreirim, fora encomendado um retábulo de pintura para o altar-mor (com cenas alusivas a Sto. António), bem como outras pinturas para a mesma igreja. Disso foram encarregados os principais

pintores lusos da época, designadamente Cristóvão de Figueiredo, Gregório Lopes e Garcia Fernandes, cuja intervenção a historiografia agrupa enquanto os "Mestres de Ferreirim"[3].

Várias dessas pinturas sobreviveram e estão musealizadas numa dependência do templo[4], mas do retábulo principal restam somente vagas referências documentais à sua temática antonina. Por sua vez, dado o prestígio dos artistas envolvidos, e considerando a encomenda coeva a Philipe de Vries para os Jerónimos, será de pressupor que a cruz em falta na igreja de Ferreirim teria sido executada por algum mestre relevante do século XVI[5].

No altar-mor desta igreja, o dito retábulo pintado e entretanto desaparecido daria lugar no século XVIII ao hoje existente, a cargo do entalhador João Correia Monteiro (sendo todavia de considerar a possibilidade de ter existido um outro retábulo de cronologia intermédia)[6].

Do sacrário primitivo nada se sabe, mas em todo o caso o circular actual demonstra bem a preocupação em jogar com o sol natural que jorra do óculo fronteiro, no lado oposto do templo.

Poder-se-á dizer que se cristianiza ou converte o sol "pagão", princípio que foi sendo expresso de diversas maneiras, a mais célebre das quais a da Capela Sistina, onde Apolo (deus solar da Antiguidade greco-romana) é transfigurado (≈ convertido) em Jesus, presidindo ao Juízo Final[7].

Michelangelo, *Juízo Final*, det. [wikimedia.org]
Emoldurando a figura de Cristo, o círculo solar foi aqui alongado para sugerir uma mandorla, bem como as costas do trono, demonstrando a versatilidade com que estas obras eram concebias

3 Joaquim Oliveira CAETANO, "A grande oficina – Lisboa", em *Primitivos Portugueses, o século de Nuno Gonçalves*, MNAA- Athena, Lisboa, 2010, pp.209-210.

4 O acesso faz-se pelo coro alto, sendo aí perceptíveis os referidos vestígios dos encaixes da cruz.

5 Independentemente desta questão, será de substituir a peça em falta por outra análoga, de modo a que funcione correctamente o mecanismo alegórico desenvolvido para este templo.

6 Carla Sofia Ferreira QUEIRÓS, "O Convento de Santo António de Ferreirim: da Fundação às obras do século XVIII", em *Os Franciscanos no Mundo Português III – O Legado Franciscano*, ed. CEPESE, 2013, pp.203-205.

7 Jesus Cristo era afinal "o verdadeiro Apolo", como lhe chamava Giovanni Pico della Mirandola no seu *Discurso,* considerado o grande manifesto do humanismo-cristão renascentista (cf. *Discurso sobre a Dignidade do Homem*, Edições 70, Lisboa, 1989, p.69). Sobre os artifícios alegóricos de Michelangelo na Capela Sistina, incluindo as alusões apolíneas, cf. os estudos coligidos em *Italian-crafted. Studies 2012-2016* [archive.org]; também em *Leonardo X Michelangelo* [academia.edu | archive.org]; bem como *Octógono* n. avulso (24) / 31 de Dezembro de 2025 – "The dynamic consummation of time in Michelangelo's *Last Judgement*" [academia.edu | archive.org].

Os recursos artísticos são de facto criativos e variados, e o de Ferreirim não fica atrás na originalidade com que "converte" o sol pagão ao Cristianismo[8], para mais pertencendo aquele templo à Ordem Franciscana e sendo dedicado a Sto. António – um dos maiores pregadores e conversores em toda a história da Igreja Católica.

Exemplos comparativos do século XVIII pertencentes à Irmandade do Santíssimo Sacramento de Mafra (localidade profundamente ligada à Ordem Franciscana e que absorveu outras instituições e património cultual desses mendicantes-pregadores).

Sol do Apocalipse, RVISSM. [PMO]

Cristo crucificado, RVISSM. [PMO]

No caso do *Cristo crucificado*, o halo-solar distanciado simboliza quer a ascensão ao Céu após a ressurreição, quer a descida eucarística e materialização junto dos fiéis.

De facto, na arte cristã interessa mais a lógica e dinâmica da teologia que os episódios isolados e estáticos, sendo que no caso de Ferreirim é plausível ou mesmo provável que João Correia Monteiro, ao planear o retábulo, tivesse em consideração a variação do trajecto do sol ao longo do ano, de modo a que, medindo a altura do sacrário-solar, o fizesse brilhar ao máximo com a luz vinda do óculo fronteiro e poente numa data específica do ano (dia de Sto. António, ou outro)[9], como que um sacrário-custódia.

Concluindo, é de referir que a invulgar configuração do sacrário de Ferreirim parece não resultar de uma mera excentricidade isolada ou casual, mas antes o fruto de um sistema alegórico que envolvia o monumento e os ciclos da Natureza, demonstrando que a genialidade não estava de todo apenas circunscrita aos grandes centros artísticos europeus.

8 A utlização do percurso do sol para elaborados exercícios simbólicos de luz e sombra era bastante diversificada e precedia o Cristianismo. Este por seu turno irá reorientar várias dessas tradições e criar outras outras próprias, visando demonstrar que esta era de facto a fé universal que tudo unia e dava coerência.

9 De notar que este entalhador era também "mestre de geometria e arquitecto" (cf. Carla Sofia Ferreira QUEIRÓS, "A acção mecenática e o percurso dos artistas na construção do circuito retabular da diocese de Lamego entre os séculos XVI e XVIII", em *O Retábulo no Espaço Ibero-Americano: forma, função e iconografia*, IHA, 2016, p.307).